

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº66 - SETEMBRO - PORTO VELHO, 2002
VOLUME V
ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História

ARNEIDE CEMIN - Antropologia

ARTUR MORETTI - Física

CELSO FERRAREZI - Letras

FABÍOLA LINS CALDAS - História

JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia

MARIA CELESTE SAID MARQUES - Educação

MARIO COZZUOL - Biologia

MIGUEL NENEVÉ - Letras

VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

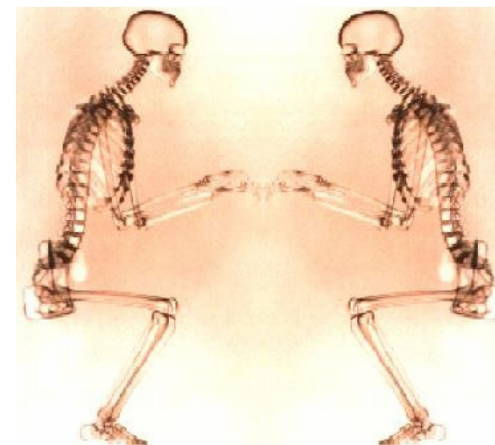
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

66



FORMAÇÃO DA ALMA BRASILEIRA

ELISABETE CHRISTOFOLETTI



Elisabete Christofolletti

Psicóloga e Mestre em Educação

christofolletti@enter-net.com.br

FORMAÇÃO DA ALMA BRASILEIRA

"O homem leva sempre consigo sua história toda e a história da humanidade." Jung

A primeira é imagem Severina. O desejo de abandonar o sentimento, a sensação Severina, de busca, sofrimento, e identidade. De tantos Severinos, Severinas que somos, filhos de tantas Marias de finados Zacarias. Como isso ainda é pouco, somos tantos e iguais em tudo na vida: a mesma cabeça grande, o ventre crescido, as pernas finas, o sangue com pouca tinta e morremos da mesma morte Severina: "Que é morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia". Nosso Severino tem mesmo uma sina: caminhar ao encontro da morte, e esta por certo sempre encontrou e quando encontrou vida Severina compreendeu que é mais defendida que vivida.

Que peso carregam nossos Severinos? Que destino!? Que destino Severino acreditamos ter?

Longe de Severino penso em Ari Barroso, na execução da Orquestra de Música Brasileira, que nos oferece uma leitura de espaços lentamente preenchidos com o toque dos instrumentos, como uma espiral inflacionária, somos inflados, e ao saborear docemente vamos recobrando o espírito de antes do nascimento.

Retornemos, portanto, a nossa certidão de nascimento. Hoje, foram 22 dias de abril ...

"Neste mesmo dia, a hora de véspera, houveram vista de terra! A saber primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grande arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz!"

O ENCONTRO: A TROCA

"Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente arremessou-lhe um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhe arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas

brancas, miúdas que querem parecer de aljôfar, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza. E com isso se voltou às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.”

A IMAGEM

“A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rosto e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a moda de roque de xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhe põem estorvo no falar, nem no comer e beber.

Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobre-pente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, na parte detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria de comprimento de um coto, mui basta, e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena, com uma confeição branda como, de maneira tal que a cabeleira era mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia minguia mais lavagem para a levantar.

O Capitão, quando eles vieram, estavam sentados em uma cadeira, aos pés uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, mui grande, ao pescoço. E Sancho de Tovar, e Simão de Miranda, e Nicolau Coelho, e Aires Corrêa, e nós outros que aqui na nau com eles íamos, sentados no chão, nessa alcatifa. Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a alguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata!

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como se os houvesse ali.

Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram caso dele.

Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não lhe queriam pôr a mão. Depois lhe pegaram, mas como espantados.

Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel, figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora.

Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram dele nada, nem quiseram mais.

Trouxeram-lhes água em uma albarrada, provaram cada um o seu bochecho, mas não beberam; apenas lavaram as bocas e lançaram-na fora.

Viu um deles umas contas de rosário, branca; fez sinal que lhe dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as no pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se dariam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim desejarmos! Mas se ele queria dizer que levaria as conta e mais o colar, isto não queríamos nós entender, por que lho não havíamos de dar!...”

A MISSA E O PARAÍSO

“Enquanto assistimos à missa e ao sermão, estaria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos, como a de ontem, com seus arcos e setas, e andavam folgando. E olhando-nos, sentaram. E depois de acabada a missa, quando nós sentados atendíamos a pregação, levantaram-se muitos deles e tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e dançar um pedaço. E alguns deles se metiam em almadias - duas ou três que lá tinham - as quais não são feitas como as que eu vi; apenas são três traves, atadas juntas. E ali se metiam quatro ou cinco, ou esses que queriam, não se afastando quase nada da terra, só até onde podiam tomar pé.”

“Andamos por aí vendo o ribeiro, o qual é de muita água e muito boa. Ao longo dele há muitas palmeiras, não muito altas; e muito bons palmitos. Colhemos e comemos muitos deles.”

A MISTURA

“Ao sairmos do batel, disse o Capitão que seria bom irmos em direção à cruz que estava encostada a uma árvore, junto ao rio, a fim de ser colocada amanhã, sexta-feira, e que puséssemos todos de joelhos e a beijássemos para eles verem o acatamento que lhe tínhamos. E assim fizemos. E a esses dez ou dose que lá estavam, acenaram-lhes que fizessem o mesmo; e logo foram todos beijá-la.

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E portanto se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-à facilmente neles qualquer cunho que lhe quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E o Ele nos para aqui trazer creio que não foi sem causa. E portanto Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E prazera a Deus que com pouco trabalho seja assim!”

A CRUZ E O BATISMO

“... Plantada a cruz, com as armas e divisa de Vossa Alteza, que primeiro lhe haviam pregado, armaram altar ao pé dela. Ali disse missa o padre frei Henrique, a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos. Ali estiveram conosco, a ela, perto de cinqüenta ou sessenta deles, assentados todos de joelho assim como nós. E enquanto se veio o Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco, e alçaram as mãos, estando assim até se chegar ao fim; e então tornaram-se a assentar, como nós. E quando levantaram a Deus, que nos pusemos de joelhos, eles se puseram assim como nós estávamos, com as mãos levantadas, e em tal maneira sossegados que certifico a Vossa Alteza que nos fez muita devoção.”

O desfalque e o ataque à natureza são nossos sinais de Batismo. No princípio fomos invadidos, logo em seguida tivemos retirado nossas árvores, nossa terra violentada, e nascemos, portanto, desfalcados.

Da terra tiraram/derrubam o pau-brasil, e a cruz é feita. A retirada torna-se um símbolo forte do início, o desfalque e o ataque à natureza são nossos sinais de batismo, como o é também a posse da mulher índia pelo branco invasor (fomos e agimos como seres possuídos) até hoje.

Encantamo-nos com os brilhos (as luzes do *shopping center*), fomos seduzidos e nos deixamos possuir, curiosos e ingênuos. Compomos civilização aparentemente frágil, que compõe sua história em construções de palha, paxiúba, porém justamente em nossa fragilidade está nossa sutileza e por todos estes motivos justamente precisam ser tão cuidadas, pois pode não permanecer. Nossa fragilidade é nosso trunfo, porém acreditamos muito mais em fragilidades, inseguranças. Importante tanto quanto ser, é o que acreditamos ser.

O processo psíquico constituído por meio da história, carrega cada mito indígena ou seringueiro a auto-representação da psique brasileira, contando sua maneira de ser por meio da linguagem que lhe é própria – a das imagens. Somos fruto do processo que criou a consciência, o modo de ser, pensar e agir, do qual somos portadores e representantes, e do passado riquíssimo que foi deliberadamente apagado.

A ORIGEM

“Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que não houvesse mais do que ter Vossa Alteza aqui está pousada para essa navegação de Calicute bastava. Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa fé!”

“Beijos as mãos de Vossa Alteza.”

Na origem tínhamos o paraíso, uma floresta cifrada, tocada para seu uso, a sombra escondendo as árvores - útero.

Neste útero/espaco se encontram o índio e o desbravador. O índio, filho da terra, guiado por Eros, livre, espontâneo, cabe garantir a continuidade, a coesão interna do Cosmo, por isso é força importante vinculada à vida.

O desbravador chega guiado por sua sombra. A busca pelo desconhecido, terras que poderiam lhe oferecer glórias, riquezas. Encontra terra assustadora de habitantes que destoavam dos europeus, mas onde seria visto o paraíso de suas projeções mais íntimas. Nosso branco vem em busca de seus sonhos, do que está por ser feito.

Por isso é importante retornarmos, reconhecer uma alma ancestral no Brasil, como propõe Gambini. Nossa consciência e identidade foram construídas no plano da racionalidade, após uma investida intensa para anular a irracionalidade que compunha a população que habitam essas mesmas terras “descobertas”. O equilíbrio entre a racionalidade do branco e a irracionalidade do nativo poderiam compor o equilíbrio perdido, já quando fomos invadidos.

De fato, não fomos descobertos, mas invadidos. Costumeiramente não enfrentamos nosso nascimento, cremos numa história fantástica (que aprendemos na escola e que alimentamos o tempo todo) e fazemos isso porque precisamos desse tipo de história, quando surgimos como conseqüência de um feito fascinante, fomos “descobertos” por acaso, (quem surge não tem gestação, não é esperado, não se prepara, que tipo de pai ou de mãe poderá ter portanto?) como conseqüência de feitos extraordinários (lembramos da história oficial do descobrimento do Brasil). Dessa maneira sentimo-nos enobrecidos, como se nesta situação encontrássemos nossa grandeza.

Nossa terra incógnita e “descoberta” (fantasia do paraíso – na carta de Pero Vaz de Caminha) que não era de ninguém e recebe a projeção do paraíso sobre si, constituiu-se na matriz de consciência para a qual é possível e desejável apropriar-se da abundância e sugar para sempre como eternos filhos que nunca crescem, buscando sempre no seio farto o alimento, atribuindo por conseguinte todas as responsabilidades aos pais.

O PAI E A MÃE

Darcy Ribeiro, em seus textos fala da protocélula do povo brasileiro: A criação de um híbrido que nunca saberá quem é, porque nem pai, nem mãe lhe servirão de espelhos ou modelos de identidade.

Nossa relação com a Terra (mãe) é bastante frágil e debilitada, enxergamos muitas vezes a o trabalho com a terra como relação secundária, literalmente de segunda categoria. Sofremos uma estupidez, uma crueldade, órfãos de mãe e abandonados pelo pai.

A SOMBRA

Talvez as imagens mais fortes que tenhamos sejam a cruz e a serpente. O cristianismo dissipou suas teorias e encontrou na postura de nosso povo, no despojamento, na disponibilidade, terreno ideal para projetar sua necessidade de dependência, o conceito de pecado, para caracterizar a libertação do mal simbolizada na serpente.

Passamos pelo encontro, dois mundos, duas leituras que interagiram por sobreposição, jamais o branco pode ouvir o índio. Os Jesuítas aqui chegando, atribuíram a imagem cristã do inferno sobre os nativos, foram incapazes de aceitar a alteridade e sua forma de vida, criando olhar pré-julgando de repressão e supressão. Importa compreender porque o comportamento instintivo em geral deveria ser considerado tão vil.

O olhar missionário foi incapaz de apreciar e compreender a gratuidade de viver do índio ao cantar, dançar e beber. Não seria necessário participar dos rituais, bastaria aceitar pelo que são, mas isso não foi possível. Nas várias descrições da imagem do índio e da terra "descoberta" encontramos referências a eles como diabos; a nudez, a pintura pela pele, os coloridos das pinturas e plumagens, suas músicas, danças, rituais de vida ou morte, era identificado como o próprio inferno. O contato com a mata talvez não possibilitou outra leitura, e com certa facilidade os europeus transformavam os espíritos da mata como entidades demoníacas, elegendo os índios seus interlocutores.

Como o punhal pacificador, ao penetrar no território conquistado a cruz trespassa a alma ancestral do Brasil. Em contraste com as mulheres devotas, submissas, contidas, sofridas que conheciam, os conquistadores encontraram por aqui algo novo e diferente: mulheres disponíveis com olhos formatadas pela sedução, carregados de amoralidades. Uma completa invasão do ego pelas forças arquetípicas do princípio feminino renegado, pois foi sobre as mulheres que os Jesuítas projetaram seu lado mais intolerante, essa dimensão vazia, não trabalhada de sua psique. As índias outra vez como **espelho** (Gambini) refletiam a frágil condição amorfa, caótica e arcaica da alma jesuítica. É a alma que permite a um homem abrir-se para o inconsciente, para o novo, para o mundo, relacionar-se (ao mesmo tempo em que nega) com a natureza e nela encontrar beleza e sentido, e acima de tudo relacionar-se positivamente com o sexo oposto. A alma é para o homem o arquétipo da potencialidade da vida e da satisfação de viver.

Quando uma porta é fechada para impedir que a alma participe criativamente da vida psíquica, não deixa de existir, mas atua destrutivamente por trás, nos bastidores, pelo fato de ser negada, encontra uma brecha e atua por trás (assim nascem as bruxas, quando uma das fadas tem seu convite extraviado para participar de uma recepção. Sentindo-se traída, rejeitada, abandona a vida inverte o tom). As índias eram escravizadas e utilizadas como concubinas, pagando pelo mal que não sabiam realizar, concretizando a idéia de pecado e punição.

A imagem de Macunaíma é bastante forte neste momento, pois é aquilo que ainda não pode ser. O que brinca o tempo todo, que tem preguiça, o que ao mesmo tempo nos diferencia porque permitimos o ócio, ouvimos nosso corpo, mas também é nossa prisão, pois pode fazer com que não saíamos da superficialidade das coisas, sempre estamos buscando o caminho mais rápido, mais fácil, antes de cansarmos. Não configuramos um amadurecer, continuamos filhos irreverentes. Forjamos um "Povo Zé-ninguém" (de Darcy Ribeiro ou Reich). Criamos o hábito de olhar para nós mesmos e sentir que não fomos nós que fizemos, não somos nós quem controla, não cabe a nós decidir nada seriamente, o povo brasileiro faz sempre figuração e espetáculo.

Zé Carioca, o malandro, é outra imagem bastante brasileira, tem duas fases, a primeira quando nasce sempre produzido no Rio de Janeiro e a segunda quando passa a ser produzido em São Paulo, justamente quando ganha esse caráter da malandragem, a imagem que faz o paulista do carioca. Será o espelho negado, reprimido, a sombra?

Continuando filhos ... a relação mãe e filho, fundamental para o crescimento, foi anulada logo de princípio. Nem sempre soubemos de onde viemos, não pudemos ser amado, nutrido e protegido por essa mãe, nem nos espelhar nela, como também não pudemos nos relacionar com um pai, que nem apareceu na história. O herói vai fazer seu percurso, mas não terá as condições iniciais para cumprir o destino, muitas vezes nem mesmo o reconhece, não chega ao fim de uma trajetória heróica, no entanto estamos diante do arquétipo do herói necessário, que não pode ser herói por completo. Vive a morte da mãe, a ausência do pai, e a ignorância de quem é.

Tornamo-nos sobreviventes e cada vez menos autores de nosso próprio destino.

BIBLIOGRAFIA

CAMINHA, Pero Vaz. **A Carta**. Bookweb. Editora e Livraria Virtual, s/d.

DIAS, Lucy & GAMBINI, Roberto. **Outros 500. Uma Conversa Sobre a Alma Brasileira**. São Paulo, Editora SENAC, 1999.

GAMBINI, Roberto. **Espelho Índio**. São Paulo, Axis Mundi/ Terceiro Nome, 2000.

JUNG, C.G. **Tipos Psicológicos**. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1943.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a Formação e o Sentido do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

SUGESTÃO DE LEITURA

*se consigo
falar comigo
é porque falo
consigo antes
como se por auto-
falantes falasse
a um passo
do teu ouvido
(paraíso perdido
entre quatro quadrantes)*

*nem adianta fingir
dizer que é só um risco
persigo teu olho
e tua sombra
deita onde eu piso
e faço saltar
teu cisco
para o centro do disco
solar*

CARLOS MOREIRA